

AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM: REFLEXÕES SOBRE UM INSTRUMENTO PARA O PROGRESSO NA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Rita Lee Lopes Vieira de Jesus¹

RESUMO: Este trabalho analisa a avaliação da aprendizagem enquanto instrumento com potencial para viabilizar o progresso da prática pedagógica. A pesquisa se desdobrou em dois objetivos específicos que foram os seguintes: compreender o conceito de avaliação da aprendizagem; refletir acerca do ato de avaliar como uma possibilidade de avanço no processo educativo dos alunos. O processo investigativo foi realizado durante o tirocínio, requisito exigido para a conclusão do curso de Mestrado em Educação, ofertado pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, campus de Vitória da Conquista/BA. O estágio de iniciação à docência no ensino superior aconteceu na Universidade do Estado da Bahia - UNEB, campus XVII, no município de Bom Jesus da Lapa/BA, em uma turma de pedagogos cursistas do 4º semestre. A metodologia se desenhou com base nas pesquisas qualitativas, pois elas permitem melhor interpretação do fenômeno observado no campo da educação. O instrumento de coleta de dados utilizado foi o diário de campo. Em linhas gerais, concluímos que os envolvidos na pesquisa perceberam a avaliação da aprendizagem como instrumento importante para o progresso da prática pedagógica e da formação dos estudantes, desde que seja celebrada durante todo o ano letivo e apresente atividades que promovam a formação de um sujeito reflexivo e autônomo.

Palavras-Chave: Avaliação da Aprendizagem; Prática Pedagógica; Ensino-Aprendizagem.

1. Introdução

A avaliação da aprendizagem é temática geradora de diversas e constantes reflexões, que acabam explicitando algumas aflições na comunidade escolar, sobretudo quando consideramos o papel de alunos e professores no contexto de realização dessas avaliações. Sendo assim, a prática avaliativa é um desafio que exige reflexão de todos os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem, mas principalmente dos professores, pelo fato de serem mediadores do conhecimento; e pelo controle que exercem sobre as práticas de avaliação. Esta avaliação subsidia a atividade docente quando possibilita uma demonstração do que os alunos aprenderam em determinado período e, assim promove um melhor planejamento e condução das aulas.

Todavia, atualmente em nossas escolas o ato de avaliar tem se ligado a objetivos de seleção dos alunos e não para o diagnóstico de problemas a serem resolvidos no sentido de aprimorar as práticas de trabalho em sala de aula. O julgamento de valor rompe a função de proporcionar uma nova tomada de decisão referente ao objeto avaliado, apreciando de forma estática a classificação do sujeito pelo sistema. As classificações se concretizam através de registros numéricos que somados ou divididos resultam em médias ou então em conceitos. Assim, de uma maneira ou de outra, a avaliação acaba reforçando a ideia de julgamento e busca de aproximação do ideal determinado em leis.

¹ Mestre em Educação pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB.
E-mail: ritalee18@hotmail.com

Conforme assinala Luckesi (2002), a avaliação precisa ser diferente dos processos de verificação, partindo da premissa de que avaliar ultrapassa a configuração do objeto e exige, pois, uma decisão do que fazer com os dados obtidos. A verificação se torna uma ação que paralisa o objeto; em contrapartida, a avaliação processual direciona o objeto em um percurso dinâmico, provocando possíveis alternativas para uma prática docente mais eficaz e uma aprendizagem mais significativa.

A nosso ver, é válido destacar que a avaliação não está presente apenas na área de educação, mas também permeia a vida particular e social dos indivíduos. Diante disso, observamos a importância de discutirmos a questão da avaliação nas mais variadas instâncias, e isso inclui os estabelecimentos de ensino. Há muitos aspectos culturais e históricos que perpassam a construção de uma estrutura avaliativa adequada para a escola e, este fator influencia consideravelmente nas urgências que nem sempre são atendidas no ambiente educativo contemporâneo. Neste sentido, o refazer da avaliação da aprendizagem se torna fundamental para que haja progressão na prática pedagógica.

Nesta vertente, a avaliação da aprendizagem não compreende uma matéria acabada e concluída, pois ela se faz presente durante todo o processo educativo que corresponde a um reflexo da sociedade que muda constantemente. O professor precisa conhecer as especificidades dos alunos, os quais serão aplicadas técnicas de avaliação, para então perceber quais as melhores formas de avaliá-los. Torna-se fundamental entender que as pessoas não aprendem de modo único e tampouco nos mesmos momentos e tempos de aprendizagem; portanto, a avaliação deve ser uma ferramenta que não evidencia competências isoladas.

Vale ressaltar que este artigo é decorrente de reflexões realizadas ao longo da atividade de tirocínio, requisito solicitado pelo curso de Mestrado em Educação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. O estágio de iniciação à docência no ensino superior aconteceu junto a uma turma de 4º semestre de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, campus XVII – Bom Jesus da Lapa² – BA. O componente curricular que fomentou discussões sobre o processo avaliativo foi *Avaliação em Educação*, disciplina que trazia na ementa um cenário amplo para debates contemplando as concepções de avaliação educacional, institucional e da aprendizagem escolar. Para tanto, aspectos como as bases legais e pedagógicas e os novos paradigmas e práticas correntes da avaliação nos contextos escolares foram discutidos durante as aulas.

Neste contexto, cabe frisar que o presente trabalho tem como foco analisar a avaliação da aprendizagem enquanto instrumento que viabiliza o progresso da prática pedagógica. Buscamos, portanto, tecer um debate referente ao ato de avaliar no contexto educativo, depreendendo a sua importância na construção de um processo de ensino - aprendizagem mais produtivo e eficaz. Para melhor facilitar o estudo, desdobramos o

² Município situado na região oeste do estado da Bahia. Localiza-se a uma distância de 796 km de Salvador, contando com aproximadamente 69.000 habitantes.

objetivo geral do trabalho mencionado em dois objetivos específicos, que são os seguintes: i) compreender o conceito de avaliação da aprendizagem; ii) refletir acerca do ato de avaliar como uma possibilidade de avanço no processo educativo.

2. Metodologia

O estudo caracterizou-se como uma pesquisa em educação de natureza qualitativa, com recorte para a avaliação da aprendizagem. Segundo Minayo (2004), a abordagem de caráter qualitativo se caracteriza por “responder questões que não podem ser quantificadas, trabalhando com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes.” (p. 21). Assim, os dados são formados a partir do contato direto com pessoas e instituições, de maneira que o pesquisador busca compreender as situações com base no olhar dos sujeitos, fazendo uso principalmente de dados descritivos.

A pesquisa foi realizada em estreita relação com a atividade de tirocínio solicitada pelo *Programa de Pós-Graduação*, visando a conclusão do curso de Mestrado em Educação pela UESB. O tirocínio teve uma duração de três meses – março, abril e maio de 2018 – ocorrendo uma vez por semana, na quarta-feira no turno matutino. A turma onde aconteceu o estágio de iniciação docente no ensino superior era constituída por cerca de 20 estudantes residentes em municípios do interior da Bahia, são eles: Bom Jesus da Lapa, Riacho de Santana e Serra do Ramalho.

A técnica utilizada para a coleta de dados foi a observação, vista por Goode e Hatt (1979) como a mais antiga e, ao mesmo tempo, a mais moderna das práticas de pesquisa. Todavia, cabe salientar que para se tornar válida e fidedigna se faz importante que haja um planejamento em relação ao que observar e a forma como observar. Seguindo esses preceitos, Lüdke e André (1986) nos asseguram que uma das vantagens de utilizar a observação é a possibilidade de um contato pessoal do pesquisador com o objeto de investigação, permitindo acompanhar com mais precisão as experiências diárias dos sujeitos e apreender o significado que eles atribuem à realidade e às suas ações.

Neste afã, percebemos que a observação precisa ser uma atividade controlada e sistemática, para que seja uma ferramenta confiável de investigação científica. Isso implica, pois, a relevância de um planejamento cuidadoso e uma preparação sustentada por rigor do observador. Para tanto, construímos um roteiro de observação que, sem dúvida, facilitou o trajeto proposto para a pesquisa. O instrumento para o registro de dados observados no decorrer da pesquisa foi o diário de campo. Ao dialogar com os estudos de Zaccarelli e Godoy (2010) percebemos que o uso do diário de campo esteve direcionado a determinadas condições como, um recurso técnico de descrição desenvolvida por alguns grupos. O uso desse instrumento é feito em diversas áreas do conhecimento, passando pela Psicologia, Antropologia, Sociologia, História e Educação.

A pesquisa, que resulta nas discussões presentes nesse artigo, foi desenhada por meio de anotações em um diário de campo, contendo a “descrição das pessoas, objetos, lugares, atividades, acontecimentos e conversas” (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 34). No decorrer do tirocínio docente, os registros das discussões que emergiram das aulas foram feitos e, assim as reflexões acerca desses momentos reforçam o debate proposto no trabalho.

Com relação à descrição que nos permitiu o desenrolar da investigação, cabe mencionar que o diário de campo nos permitiu adicionalmente refletir sobre o objeto observado. De acordo com Macedo (2010):

Além de ser utilizado como instrumento reflexivo para o pesquisador, o gênero diário é, em geral, utilizado como forma de conhecer o vivido dos atores pesquisados, quando a problemática da pesquisa aponta para a apreensão dos significados que os atores sociais dão à situação vivida. O diário é um dispositivo na investigação, pelo seu caráter subjetivo, intimista (MACEDO, 2010, p. 134).

Neste sentido, o diário de campo possibilitou descrever e depois, refletirmos sobre os pontos de vista de uma turma de Pedagogia do 4º semestre referentes à avaliação da aprendizagem, considerando a experiência docente de alguns e os estudos acerca dessa temática disponíveis na literatura. Sendo assim, as notas do diário e o processo reflexivo desenvolvido na análise trouxeram fundamentos importantes para a promoção do diálogo que acabou se constituindo neste trabalho.

3. Resultados e discussão

O debate acerca de avaliação da aprendizagem surgiu no decorrer das aulas em cumprimento às atividades realizadas por conta do tirocínio. Nessa ocasião, anotações foram realizadas em um diário de bordo e utilizadas com o intuito de fortalecer a pesquisa a respeito do tema proposto. Essa experiência nos levou a questionar até que ponto o ato de avaliar no contexto educacional contribui para o avanço dos processos de ensino e aprendizagem e quais os possíveis entraves que se desencadeiam por meio da avaliação.

A princípio, é necessário frisar que a avaliação da aprendizagem vem sendo desenvolvida nas escolas como um processo que tem em vista finalidades ligadas à seleção e classificação dos estudantes. Dessa maneira, muitas vezes, acontece a exclusão daqueles que durante a avaliação não atingem o desempenho esperado. O ato de avaliar segue, pois, um modo que não prioriza o sujeito como um todo, mas o recorte de um momento pontual e convidativo a excluir.

Durante o estágio percebemos em alguns momentos que a turma de Pedagogia podia ser compreendida dois grupos: aqueles que já atuam no campo educativo e os demais que trabalham em outra área ou apenas estudam. Diante disso, podemos apresentar o seguinte registro:

Foi visto com a turma que alguns acreditam que a avaliação acontece nas escolas como uma ferramenta que promove a autonomia. Estes, normalmente, são aqueles que ainda não trabalham no âmbito escolar. Enquanto isso, aqueles que já desenvolvem atividades nas escolas, comentam que avaliar nos dias de hoje se configura em alcançar metas estipuladas pelo governo. Com isso, a avaliação se torna um meio de simplesmente apresentar as notas exigidas pelo sistema (DIÁRIO DE CAMPO, p. 6, 2018).

Notamos que a turma traz ideias pertinentes ao desenho da avaliação escolar. O primeiro grupo afirma acreditar que avaliar possibilita a formação do sujeito autônomo, numa perspectiva de avaliação voltada para o aprimoramento da formação dos alunos. Os outros estudantes, professores nas redes pública e privada dos municípios de Bom Jesus

da Lapa, Riacho e Serra Ramalho, ressaltam que a avaliação tem valorizado mais a apresentação de notas, numa visão tecnocrática. Nesse momento, percebemos que alguns sujeitos caracterizam o sistema [o governo] como um meio de manter o controle na educação, por isso este sistema cobra resultados quantitativos do processo educativo.

Levando-se em consideração a questão apresentada, observamos que a escola é um espaço que, por meio da avaliação, pode tornar viável a construção da autonomia ou pode mesmo provocar mais exclusão, sobretudo daqueles que não atendem a nota média definida pelo sistema de educação do estado. Assim, compreendemos a importância da avaliação da aprendizagem no contexto educacional.

Entretanto, a nosso ver, é preciso rever posicionamentos que rompem ações antidemocráticas e busquem estratégias que fortaleçam o progresso da aquisição do conhecimento crítico pelos estudantes.

Vale apontar, então, que a prática da avaliação da aprendizagem, num viés que valoriza o êxito do processo educativo, é um pressuposto básico para que a educação seja democrática. Neste caso, a democracia se configura no atendimento dos filhos da classe trabalhadora, oferecendo boas condições para que eles se apropriem dos conhecimentos produzidos pela sociedade ao longo da história. Na verdade, este público nem sempre tem oportunidades, fora do contexto escolar, de conhecer informações a respeito da historicidade do povo brasileiro e as influências de outros países em nossa cultura. Notamos a importância do espaço escolar para que todos tenham acesso ao conhecimento sistematizado e, terem alguma chance de serem incluídos nos mais diversos espaços sociais.

É importante destacar que avaliar, em muitas formas, pode ser entendido como um ato de fazer julgamento e, este fator corrobora à exclusão apontada. Sobre este ponto, Luckesi (2002) assinala o seguinte argumento:

Defino a avaliação da aprendizagem como um ato amoroso no sentido de que a avaliação, por si, é um ato acolhedor, integrativo, inclusivo. Para compreender isso, importa distinguir avaliação de julgamento. O julgamento é um ato que distingue o certo do errado, incluindo o primeiro e excluindo o segundo. A avaliação tem por base acolher uma situação, para, então (e só então), ajuizar a sua qualidade, tendo em vista dar-lhe suporte de mudança, se necessário. A avaliação, como ato diagnóstico, tem por objetivo a inclusão e não a exclusão; a inclusão e não a seleção - que obrigatoriamente conduz à exclusão (LUCKESI, 2002, p. 172).

Notamos que a discussão sobre o conceito de avaliação da aprendizagem, conforme mencionado por Luckesi (2002) passa por dois universos. A princípio o autor cita o ato de avaliar enquanto julgamento, no instante em que busca a diferenciação entre o correto e o errado; na medida em que o acerto inclui e o erro exclui o sujeito no grupo. Além disso, a avaliação pode ser vista como um diagnóstico que promove a inclusão, rompendo com as ideias de selecionar e excluir. Dessa maneira, avaliar a aprendizagem se

torna uma atividade acolhedora, dinâmica, que auxilia o avanço e facilita a prática pedagógica do professor e o conhecimento (re)construído pelo aluno.

No decorrer de duas aulas, tivemos a oportunidade de discutir com a turma de Pedagogia determinados aspectos sobre a avaliação diagnóstica, formativa e somativa³. Essa temática contribuiu para ampliar o universo de debate sobre a avaliação da aprendizagem, uma vez que possibilitou a compreensão de uma primeira avaliação – diagnóstica – como norte à apropriação do conhecimento. Em seguida, foi dada atenção à avaliação formativa, como um modo de avaliar com propósitos ligados à formação dos sujeitos reflexivos ao longo do ano letivo; e, por fim, o entendimento acerca da avaliação somativa, na qual tem em vista apenas o resultado (final) do processo.

Partindo desse cenário, podemos apresentar o referido recorte do nosso diário que diz:

Os alunos, ao tratarem da avaliação da aprendizagem, salientaram que esta - muitas vezes - é vista pelos professores como uma maneira de apontar resultados finais através de provas e exames. Reforçaram com isso a valorização da avaliação somativa e, por vezes afirmaram que no momento de gerar uma nota ao aluno em determinada disciplina, o processo não é considerado, apenas a prova feita no final do ano e da unidade. Ainda comentaram que professores usam um discurso bonito no planejamento, quando escrevem que a avaliação será realizada de forma processual e contínua (DIÁRIO DE CAMPO, p. 9, 2018).

O mundo contemporâneo exige inovações didático-pedagógicas e, a avaliação da aprendizagem é uma ferramenta que pode colaborar com isso, uma vez que aponta as fragilidades e progressos na apropriação do conhecimento. Neste sentido, o professor tem mais possibilidade de buscar meios de renovar estratégias em sua prática docente e oferecer aos alunos mais condições de passar do senso comum para os conhecimentos científicos. Sendo assim, com as informações teóricas adquiridas, o aluno vai atuar sobre seu meio social com um entendimento mais crítico, elaborado e consistente (GASPARIN, 2005). Diante deste cenário, vale ponderar o registro de Loch (2000) quando assinala que avaliar:

[...] não é dar notas, fazer médias, reprovar ou aprovar os alunos. Avaliar, numa nova ética, é sim avaliar participativamente no sentido da construção, da conscientização, busca da autocrítica, autoconhecimento de todos os envolvidos no ato educativo, investindo na autonomia, envolvimento, compromisso e emancipação dos sujeitos (LOCH, 2000, p. 31).

Observamos que Loch (2000) afirma que a avaliação não se restringe à apresentação de notas e médias, aprovação e reprovação de alunos, destacando que as práticas avaliativas não deveriam se basear apenas no caráter quantitativo do processo educativo, mas, sobretudo, na perspectiva formativa. Sendo assim, nessa perspectiva, avaliar estaria relacionado à procura pela autocrítica e autoconhecimento de todos aqueles que constituem o campo da educação, no sentido de valorizar o sujeito crítico, autônomo e emancipado.

³ Os tipos de avaliação - diagnóstica, formativa e somativa - são discutidos por Vasconcellos (1998), Luckesi (2002), Hoffman (2005) e outros autores.

Faz-se necessário salientar que, normalmente, as escolas valorizam aspectos quantitativos na avaliação, ou seja, consideram muitas vezes o produto, o resultado e não se preocupam com o processo de aprendizagem. Neste sentido, a avaliação está focalizada na aprovação ou reprovação dos alunos, ignorando ou dando pouca ênfase ao sucesso escolar dessas pessoas. Em contrapartida, cabe-nos citar a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9.394/96 (LDBEN), quando em seu artigo 24, inciso V, dispõe o seguinte:

V - A verificação do rendimento escolar observará os seguintes critérios: a) avaliação contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais [...] (BRASIL, 1996, p. 9).

Conforme o trecho citado da LDBEN, a avaliação da aprendizagem deveria acontecer durante todo o processo educativo (avaliação processual), priorizando os aspectos qualitativos sobre os quantitativos. Isso significa, portanto, que as instituições de ensino precisam valorizar mais o conhecimento adquirido no decorrer das aulas e não se preocupar apenas com o produto, isto é, com as notas obtidas em situações específicas. Desse modo, percebemos que a Lei indica um modelo democrático e mais participativo de avaliação na Educação Básica.

Interessante registrar mais um escrito do diário de campo relacionado ao posicionamento dos estudantes de Pedagogia sobre as estratégias de avaliação vistas no espaço escolar.

Segundo as discussões em sala, a respeito das atividades avaliativas desenvolvidas na escola, notei a preocupação da turma ao afirmar que o método mais utilizado são provas; com questões, muitas vezes, fechadas. Esse fato colabora para que avaliação não promova um espaço para reflexão, pois os alunos se preocupam em decorar conteúdos para responderem exames objetivos (DIÁRIO DE CAMPO, 2018, p. 13).

Constatamos, pois, que os estudantes mostram certa inquietação no que tange às avaliações constituídas por questões que não possibilitam a formação de sujeitos reflexivos e autônomos. No momento em que provas e exames são aplicados indiscriminadamente, de forma a não estimular o pensamento crítico, compreendemos que a avaliação passa a não contribuir para uma prática pedagógica que atenda aos objetivos mais amplos da educação escolar. Vale o respaldo de que a escola tem a função ensinar conteúdos e habilidades fundamentais à participação dos indivíduos na sociedade, garantindo o exercício de cidadania.

Seguindo essa linha, notamos que a avaliação não pode se restringir à uma espécie de estratégia para medição do conhecimento, configurando uma ferramenta de controle e selecionadora de alunos aptos à aprovação. Na verdade, avaliar é uma atividade complexa e ampla que sugere uma postura reflexiva e impulse o aluno ao seu crescimento e à autonomia. Referente à amplitude do processo avaliativo, Vasconcelos (1998) nos escreve que:

A avaliação deve ser um processo abrangente da existência humana, que implica uma reflexão crítica sobre a prática no sentido de captar seus avanços e

possibilitar uma tomada de decisões, acompanhando a pessoa em seu processo de crescimento (VASCONCELOS, 1998, p. 43).

Diante desse contexto, é imprescindível que os professores tenham conhecimento do Projeto Político Pedagógico da instituição escolar, no que tange às estratégias de avaliação incorporadas a este documento. Isso facilitaria o planejamento docente no sentido de definir os instrumentos adequados para cada situação e, atingir os objetivos propostos outrora em planos e metas disciplinares. Então, a avaliação escolar poderia oferecer suporte para capturar progressos e tornar possível que haja tomada de decisão.

Em linhas gerais, os recortes apresentados no diário de campo, instrumento utilizado para coleta de dados em nossa pesquisa, mostram-nos que a turma de Pedagogia do 4º semestre percebe a avaliação como um instrumento importante para o processo de ensino e aprendizagem. Alguns licenciandos, que já atuam na docência, afirmaram que o ato de avaliar acontece na escola – nos dias de hoje - como uma maneira de atender requisitos do sistema, ou seja, apresentar notas visando mecanismos de definição de processos de aprovação/reprovação. Outros apontaram que o processo avaliativo ocorre de forma a colaborar com a formação do sujeito reflexivo. Com isso, notamos contradições dos futuros professores ao tratarem sobre o funcionamento da avaliação no contexto escolar contemporâneo.

Além disso, observamos um debate acerca das questões que permeiam as provas escolares, nas quais muitas vezes não fomentam o conhecimento crítico. Na verdade, estas apenas cumprem a função de gerar resultados, isto é, notas; contrariando a LDBEN 9.394/96 que assegura a prioridade dos aspectos qualitativos.

Concluimos que a avaliação da aprendizagem pode ser vista como instrumento que viabiliza o progresso da prática pedagógica, no instante em que acontece durante todo o processo educativo e desenvolve avaliações que valorizam a formação de sujeitos com autonomia.

Considerações finais

Consideramos que a avaliação da aprendizagem é temática importante para as discussões que se configuram no amplo cenário acadêmico dos estudos em educação. Este trabalho ampliou o universo de conhecimentos acerca do ato de avaliar, da forma como este acontece nas escolas e de que maneira o processo avaliativo corrobora com a formação reflexiva de seus envolvidos. As informações apresentadas no diário de campo tornaram mais consistente o debate e as reflexões propostas, quando evidenciaram o posicionamento da turma de Pedagogia observada na pesquisa a respeito da avaliação escolar.

É importante destacar que após o levantamento de dados e a discussão dos resultados obtidos na pesquisa, percebemos que houve um aprofundamento teórico e uma melhor compreensão sobre o papel da avaliação da aprendizagem na prática

pedagógica. Neste contexto, o ato de avaliar passa a ser visto como uma parte do processo educativo que não se encerra em si mesma, porque é uma atividade que tem como meta o monitoramento dos processos de ensino e aprendizagem, visando o avanço contínuo da aprendizagem dos alunos.

De acordo com as observações desenvolvidas, os estudantes de Pedagogia, sujeitos da pesquisa, elencam a importância de provas e exames constituídos por questões que dão abertura à reflexão. Evidenciamos, então, a preocupação da turma no que concerne à construção dos instrumentos de verificação do conhecimento. Partindo disso, torna-se imprescindível que os professores, junto com a equipe de coordenação pedagógica, sejam mais criteriosos e busquem alternativas para melhorar o processo avaliativo. Estas questões facilitam a retomada do ensino de conteúdos e uma aquisição mais eficaz de aprendizagens.

Neste afã, vale ponderar que a avaliação feita no espaço escolar não pode ser entendida somente como um resultado (final), mas sim como uma ferramenta que dá norte ao processo educativo. Ao verificar o conhecimento (re)construído no decorrer das aulas, o professor terá subsídios para elaborar um planejamento mais consistente e prosseguir a exposição e discussão de conteúdos. Sendo assim, a avaliação não se consolida como prática que somente seleciona aqueles que têm condições de seguir adiante na vida escolar e exclui outros que não atingem as metas previamente apresentadas pelo sistema.

Mediante o exposto, notamos que a avaliação deve considerar as diversas situações que envolvem os processos de ensino e aprendizagem e não deve ficar restrita a conceitos e notas que resultam de provas. A nosso ver, escola precisa repensar o processo avaliativo e diversificar as estratégias e instrumentos de avaliação, considerando este processo como uma possibilidade de impulsionar o conhecimento e as aprendizagens. Portanto, avaliar exige reflexão, acolhimento e inclusão. Não pode ser um fator que classifica, julga e exclui, uma vez que, dessa forma, não oportunizará o crescimento para a autonomia dos estudantes.

Enfim, concluímos que a avaliação da aprendizagem implica assumir um caráter diagnóstico, processual e reflexivo. Faz-se necessário romper o modelo de processo avaliativo pautado na classificação, promovendo ações que busquem a inclusão e a emancipação dos sujeitos. Dessa maneira, avaliar na escola seria um instrumento que estimularia o progresso da prática pedagógica, uma vez que o objetivo da mesma é a formação crítico-reflexiva dos indivíduos.

Referências

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Porto Editora, 1994.

BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - Lei n. 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.** Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental.

GASPARIN, J. L. **Uma didática para a pedagogia histórico-crítica.** Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

GOODE, W.; HATT, P. **Métodos em pesquisa social.** São Paulo/SP: Nacional, 1979.

HOFFMANN, J. M. L. **Avaliação, mito e desafio: uma perspectiva construtivista.** Porto Alegre/RS: Mediação, 2005

LOCH, J. M. P. Avaliação: uma perspectiva emancipatória. **Química na Escola**, n. 12, novembro, 2000.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem escolar.** São Paulo/SP: Cortez, 2002.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo/SP: EPU, 1986.

MACEDO, R. S. **Etnopesquisa crítica, etnopesquisa-formação.** Brasília/DF: Liber Livro, 2010.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** São Paulo/SP: Hucitec, 2004.

VASCONCELOS, C. S. **Concepção Dialética-Libertadora do processo de Avaliação Escolar.** São Paulo/SP: Libertad, 1998.

ZACCARELLI, L. M.; GODOY, A. S. Perspectivas do uso de diários nas pesquisas em organizações. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 8, n. 3, art. 10, p. 550-563, 2010.